

05.

Caracterização Florestal

## Enquadramento **A.** Geral

O Concelho de Valença tem uma área de 11 790 ha e situa-se na zona Norte do país, região do Minho, distrito de Viana do Castelo, e faz fronteira fluvial com Espanha através do Rio Minho.

É delimitado a Norte pelo Rio Minho, a Este pelo Concelho de Monção, a Sudoeste pelo Concelho de Vila Nova de Cerveira e a Sul pelo Concelho de Paredes de Coura.

O Município de Valença pertence à Região Agrária Entre Douro e Minho e rege-se, ao nível florestal, pelo Plano Regional de Ordenamento Florestal do Alto Minho.

## B. Caracterização Florística

A vegetação natural, e as correspondentes associações climáticas, encontram-se actualmente bastante alteradas e não constituem, em grande parte, o coberto que actualmente se observa. A este facto devem-se variadas intervenções ao longo do tempo, como a agricultura, o sobrepastoreio, o corte, o fogo e a introdução de exóticas, assistindo-se frequentemente a situações de subclímax, para clímax e sucessões regressivas ( Carvalho, 1994 ).

O castanheiro é viável em situações de montanha, altitudes entre 400 - 1000 m. O pinheiro bravo tem substituído a pouco e pouco o carvalho e o castanheiro. A Aveleira encontra boas condições de vegetabilidade, situando-se na faixa altimétrica dos 300 - 400m e necessita de solos de média profundidade. Constitui uma boa alternativa nas zonas de agricultura pobre e abandonadas pelo despovoamento.

O concelho apresenta uma capacidade de regeneração natural e evolução da vegetação para a *Rusceto - Quercetum - Roboris*.

O Perímetro Florestal da Boalhosa possui condições ecológicas de evolução natural para a floresta. Este inclui os baldios das freguesias de Cerdal, Taião, Ganfei, Verdoejo, Sanfins, Gondomil e Boivão e parte das freguesias de Fontoura, S. Pedro da Torre, S. Julião e Silva. Por sua vez o Perímetro Florestal de Vieira abrange as Serras de Monte Vieira e Monte Castro.



**Figura 5.1.** Área do Perímetro Florestal da Boalhosa (Verde) e Vieira (Laranja).

**Quadro 5.1. Uso Florestal.**

	<b>Área (ha)</b>
Área florestal	6255,39
Regime Florestal	3504,4

**Quadro 5.2. Espécies Florestais mais Representativas e Principais Produtos Extraídos.**

<b>Espécies florestais mais representativas</b>	<b>Principais produtos extraídos</b>
Pinheiro Bravo	Resina / Madeira
Eucalipto	Madeira
Outras folhosas	Madeira / Frutos
Outros mistos	-

## C. Enquadramento Fitogeográfico

Na tipologia fitogeográfica, foram definidas unidades hierárquicas: região, província e sector.

A região é um território muito extenso com uma flora original, em que existem espécies, géneros ou mesmo famílias endémicas.

A província é um vasto território que, para além de possuir grande número de endemismos, possui domínios climáticos, séries e comunidades permanentes e também uma zonagem altitudinal da vegetação.

O sector é um território amplo com identidade geográfica que possui taxones e associações próprias.

Assim, o Concelho de Valença situa-se na região fitogeográfica Eurosiberiana ( A ), Província Cantabroatlântica ( II ), subprovíncia Astur - Galaica( IIb ) e sector Galaico - Português ( Carvalho, 1994 ).

## D. Zonagem Ecológica

Pina Manique & Albuquerque, citados por Carvalho ( 1994 ), definiram a Carta Ecológica de Portugal, utilizando como zonas corográficas a zona ecológica e a sub - região.

A zona ecológica corresponde a um tipo de ambiente definido por um agrupamento característico de dominantes e subdominantes da silva climática.

A sub-região é formada por um conjunto de estações individualizadas por características geológicas, pedológicas, tectónicas, oro-hidrográficas ou fitoclimáticas.

O nível oroclimático, definido para distinção de andares hipsométricos representativos das zonas ecológicas, em Valença faz-se representar pelo nível basal ( < 400 m ) com a zona fitoclimática – A x MA ( Atlântica x Mediterrâneo - Atlântica ) ( Carvalho, 1994 ), com a seguinte composição autofítica:

- Cs – *Castanea sativa*
- Pa – *Pinus pinaster*
- Pp – *Pinus pinea*
- Qr – *Quercus robur*
- Qs – *Quercus suber*.

# E.

## Susceptibilidade Florestal

### E.1. Ao Fogo

A existência de manchas florestais contínuas e extensas, constituídas maioritariamente por pinheiro bravo favorece a ocorrência de incêndios. No concelho de Valença a mancha de pinheiro bravo no Perímetro Florestal da Boalhosa é uma área particularmente sensível do ponto de vista do risco de incêndio.

Os efeitos do fogo nas florestas são múltiplos e complexos, dependendo de factores muito variáveis como:

- a grandeza,
- intensidade,
- época,
- duração,
- frequência dos fogos,
- dimensões e composição dos povoamentos,
- volume, concentração, distribuição e características do combustível,
- natureza e características do solo.

A propagação do fogo deve-se à falta de limpeza das matas e à escassez e falta de conservação de aceiros e caminhos, que impede a entrada de bombeiros, máquinas, viaturas e meios aéreos capazes de combater os incêndios.

Como medida de prevenção, o uso do fogo controlado torna-se inofensivo e até mesmo necessário nas comunidades vegetais associadas ao Pinheiro Bravo e nas associações vegetais dos incultos das Serras do centro do país ( Correia, 1998 ), como é o caso da Serra do Caramulo.

### E.2. A Desertificação

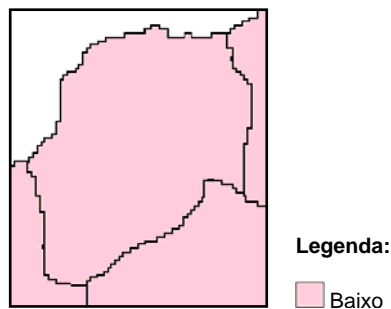
A desertificação é um processo de degradação ambiental que depende de uma multiplicidade de factores, podendo conduzir a situações de degradação ambiental irreversíveis.

Os processos antropogénicos que conduzem ao fenómeno de desertificação são, fundamentalmente, os que levam à alteração do microclima, tais como a destruição do coberto vegetação e do arvoredo

disperso, o uso inadequado do solo, a pastorícia excessiva, os processos de rega inadequados, a salinização, a pressão demográfica de zonas em riscos, etc.

O índice de susceptibilidade à desertificação foi obtido a partir dos índices climático, de perda de solo e de seca com recurso a operadores de Sistemas de Informação Geográfica ( SIG ). Os resultados obtidos permitiram uma distribuição territorial do grau de susceptibilidade à desertificação.

Assim, para o concelho de Valença obteve-se a distribuição presente na figura seguinte.



**Figura 5.2.** Índice de Susceptibilidade à Desertificação do Concelho de Valença.

Fonte : INAG/DSRH

Fazendo uma análise da figura, verifica-se que o Concelho de Valença está sujeito a uma baixa susceptibilidade à desertificação, embora apresente zonas de declive elevado.

Uma razão plausível e justificativa deste baixo índice poderá residir no facto do concelho ser uma importante zona de passagem ( fronteira com a Espanha ) e turismo. Por estas razões, a taxa de despovoamento do concelho será muito baixa não se verificando, conseqüentemente, o abandono das terras que promove a erosão do solo.



## F. Impactes da Destruição de Povoamentos Florestais

As zonas florestais estão, actualmente, sujeitas a grandes alterações como sejam os incêndios, a erosão do solo, desertificação, etc. Assim, a sua destruição origina grandes impactos a diversos níveis.

### F.1. Impactes Hidrogeológicos

As zonas florestadas do concelho apresentam maioritariamente declives elevados, assim, a destruição dessas zonas vai alterar o regime hidrológico uma vez que, dada a natureza granítica ( formações impermeáveis ou pouco permeáveis ) dos solos, o escoamento superficial vai ocorrer em detrimento da infiltração, tão necessária para alimentar os lençóis freáticos bem como regularizar o regime hídrico.

O escoamento superficial, por sua vez, aumentará o caudal de rios e ribeiras originando um grande transporte de materiais ( transferência de massas ) das zonas mais elevadas para as zonas de menor altitude – erosão hídrica, podendo provocar assoreamento no leito do rio e ribeiras, e consequentemente inundações e cheias.

Em termos de erosão hídrica, apenas a região Sul - Sudeste do concelho se encontra em áreas de elevada erosão actual.

### F.2. Impactes no Solo

O facto dos solos estarem sujeitos a grandes níveis de erosão estará relacionado com a topografia dos terrenos, com a textura, a estrutura e o tipo de cobertura vegetal.

Aquando da caracterização lito - estratigráfica ( caracterização física ) foi dito que a região Sul - Sudeste se encontra em áreas de elevada erosão actual. Este factor aliado à natureza granítica dos solos pressupõe elevados riscos de erosão devido à baixa capacidade de armazenamento de água por parte dos mesmos.

No que diz respeito às características climáticas, note-se que a perda de coberto florestal vai aumentar o impacto das gotas da chuva na superfície do solo, erodindo-o e favorecendo o transporte

desse material erodido que por sua vez diminui a fertilidade do solo. O impacto dos ventos sobre áreas desflorestadas também provoca erosão por transporte aéreo das partículas – erosão eólica.

Por último, a simples falta de coberto florestal pode provocar instabilidade da própria estrutura do solo, podendo originar escorregamentos e desmoronamentos.

### **F.3. Impactes na Fauna e na Flora**

No que diz respeito à fauna, torna-se fundamental manter as condições de abrigo, nidificação e alimentação, que a presença de povoamentos florestais oferece. O fogo constitui também um flagelo para as espécies animais, principalmente aquelas com pouca mobilidade e as que não se podem refugiar no subsolo.

De forma indirecta, a erosão hídrica, através das inundações e cheias, poderá originar a alteração da dinâmica das zonas litorais do concelho e conseqüentemente o seu processo de povoamento pelas aves, devido à destruição dos seus habitats, e outras espécies animais e florísticas que as constituem.

No que diz respeito à destruição da flora, nomeadamente de povoamentos florestais, os incêndios mencionados anteriormente são uma das causas. Estes causam grande impacto na população florestal uma vez que actuam como filtro de espécies conduzindo a vegetação para um 'fire - clímax ' geneticamente empobrecido. Desta situação poderão ainda advir problemas com o aparecimento de infestantes, que facilmente colonizam estas zonas, e o desenvolvimento de certas pragas.

### **F.4. Impactes Sócio - Económicos**

De um modo geral podemos dizer que a destruição dos povoamentos florestais é ainda responsável pelo aumento de dióxido de carbono na atmosfera, favorecendo um aumento geral da temperatura.

Assim, só uma verdadeira gestão dos espaços de montanha, tanto das zonas arborizadas, natural ou artificialmente, como nas zonas de encosta e margens de rios e ribeiras, aliada à sua compatibilização com a silvo - pastorícia, turismo e recreio, poderá maximizar o seu uso, bem como conservar e preservar um património que pertence a todos nós.

## G. Bibliografia

Abreu, A. O. C., (1977). Análise Biofísica – Solo. Curso de Planeamento Biofísico do Instituto Universitário de Évora. Évora.

Biot, Y., Lacaze, J. F., (1993). A Floresta. Biblioteca Básica de Ciência e Cultura.

Carvalho, J. P. F., (1994). Fitossociologia e Fitogeografia. UTAD, Vila Real.

Correia, S., (1998). O uso do Fogo na redução dos combustíveis na Serra da Lousã. Seminário “Controle de Fogos Florestais”, 2ª edição, UTAD, Vila Real, pp1-18.

DGRF, DRAEDM, UTAD (2006). PROF – Plano Regional de Ordenamento Florestal do Alto Minho.

Vieira, P., (1996). Crónica de um Fogo anunciado. Essencial do ambiente, Volume II – Recursos Naturais, Fórum Ambiente, Porto, pp. 6-13.

<http://www.dga.min-amb.pt>

<http://www.dgf-min.agricultura.pt>

<http://www.icn.pt>